



**TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A
FRONTEIRA ENTRE O TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE**

**WORKERS IN THE CONSTRUCTION OF THE ITAIPU HYDROELECTRIC (1974-1985): THE
BORDER BETWEEN WORK AND THE SYMBOLIC CONTROL MECHANISMS**

Valdir Sessi¹

Submetido em: 16/03/2021

Aprovado em: 14/04/2021

RESUMO

Este estudo analisou dois mecanismos simbólicos de controle exercido sobre os trabalhadores no decorrer da edificação da hidrelétrica de Itaipu na primeira fase da construção (1974-1985). Nesse sentido, a pesquisa centrou as análises nos fenômenos da “baixa produção” e da “redução de quadros” como elementos importantes e elo dos trabalhadores com as mais diversas empresas. Nesses procedimentos administrativos pelo lado das empreiteiras estava, essencialmente, o medo das demissões, numa relação contraditória levando em conta as vantagens oferecidas aos trabalhadores. Este era o controle simbólico que regulava as possíveis resistências dos operários contra os efeitos traumáticos das jornadas de trabalho. Para se chegar aos resultados desse estudo, foram feitas aproximações entre os aspectos do poder simbólico e os excessos de regras que orbitavam o campo das obras, os quais geravam os medos das demissões. Foram também analisadas as fontes produzidas pelos próprios órgãos de repressão da estatal, o jornal corporativo dos empreiteiros, bem como pelas narrativas de grupos de trabalhadores que participaram da construção dentro do recorte temporal proposto por este estudo. Foram observados que muitos operários se mantinham passivos diante do assédio moral comum que recebiam nas turmas de trabalho, pois sabiam dos argumentos que poderiam ser utilizados para demiti-los, dentre estes, a baixa produção, entendida como a falta de vontade em realizar uma tarefa repassada pelos feitores de turmas.

PALAVRAS-CHAVE: Itaipu. Baixa produção. Redução de quadros.

ABSTRACT

This study analyzed two symbolic mechanisms of control exercised over workers during the construction of the Itaipu hydroelectric plant in the first phase of construction (1974-1985). In this sense, the research focused the analysis on the phenomena of "low production" and "reduction of staff" as important elements and link between workers and the most diverse companies. In these administrative procedures on the side of the contractors was, essentially, the fear of layoffs, in a contradictory relationship taking into account the advantages offered to workers. This was the symbolic control that regulated the possible resistance of the workers against the traumatic effects of working hours. In order to arrive at the results of this study, approximations were made between aspects of symbolic power and the excesses of rules that orbited the field of works, which generated fears of dismissals. The sources produced by the state's own repression bodies, the contractors' corporate newspaper, were also analyzed, as well as by the narratives of groups of

¹ Graduado em História pela Faculdade União das Américas – UNIAMÉRIA, Foz do Iguaçu-PR, Mestre em História e doutorando em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Campus de Marechal Cândido Rondon-Pr. <https://orcid.org/0000-0003-2571-1792>.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

workers who participated in the construction within the time frame proposed by this study. It was observed that many workers remained passive in the face of the common moral harassment they received in the work groups, as they knew the arguments that could be used to dismiss them, among them, the low production, understood as the unwillingness to perform a task passed on by the class overseers.

KEYWORDS: *Itaipu. Low production. Reduction of staff.*

INTRODUÇÃO

Em todo regime de produção será possível verificar, com maior ou menor grau, certos mecanismos de controle exercido sobre os trabalhadores no interior das linhas de produção: durante a primeira etapa (1974-1985) em que foi edificada a Hidrelétrica de Itaipu isto não seria diferente. A construção da hidrelétrica binacional de Itaipu, entre brasileiros e paraguaios, foi iniciada, em 1974, durante a ditadura-civil militar brasileira e reuniu um consórcio (UNICON/CONEMPA)¹ de empresas brasileiras e paraguaias para atender a complexidade da construção do projeto. Devido ao grande número de operários que passariam por este empreendimento, paralelo aos benefícios que eram oferecidos, havia também as formas simbólicas de controle, que de certa maneira atrelavam o indivíduo ao trabalho. Nesse sentido, ao longo desse artigo serão apresentados os meios simbólicos e sutis de dominação que foram utilizados pela Itaipu Binacional e suas empreiteiras durante os anos que vigoraram a construção dessa hidrelétrica binacional. Partindo do paradigma de campo social, analisaremos a “redução de quadros e a baixa produção”, como mecanismos simbólicos e eficientes de controle, pois eram termos presentes no cotidiano das turmas de trabalho, sendo utilizados quando havia a necessidade de demitir alguém. Assim, o objetivo é demonstrar que, para além da grandiosidade do empreendimento, muitos trabalhadores passaram por experiências traumáticas, cujos dados ainda são carentes no sentido de se entender os resultados mais amplos (SESSI, 2015).

Nesse sentido, as análises desses mecanismos sob os valores simbólicos que representam, terão como aporte do “campo social” de Pierre Bourdieu (2003, p. 119). Ou seja, havia o espaço de construção como um lugar abstrato, mas de competições entre agentes (diretores, corpo policial e feitorias) que detinham certa autonomia, contra aqueles que buscavam seu lugar nesse mesmo espaço. Ou seja, os recém-chegados sem nenhuma experiência em “obras pesadas” (CAMPOS, 2015, p. 311), em contraste com ditos barrageiros e suas relações

¹ União de Construtoras Ltda. (UNICON) formado pelo grupo de empresas: Andrade Gutierrez S.A, Mendes Junior S.A, Construção e Comércio Camargo Corrêa S.A, Companhia Brasileira de Projetos e Obras-CBPO, Cetenco Engenharia S.A. No lado do Paraguai (CONEMPA), formado pelo grupo de empresas: Ing. J. C. Wasmosy ECCA SPC Anon. Empresa Constructor, Engenharia Civil Herman Baumann, Compania de Obras de Ingenieria Civil SRL, Compania General de Construcciones – SRL, Jimenez Gaona y Lima Ing. Civil Barrail Hnos. S.A. de Construccion.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

bem construídas. Durante o período denso das edificações, quando essas relações sofriam fricções, ou mesmo antagonismos por diversos fatores, resultavam em demissões com

características vingativas. A existência desses fatores potencializava as adversidades e o medo, elementos comuns nos setores de produção à medida que as etapas de construção eram cumpridas.

Nesse sentido, será discutido ao longo do texto dois processos de demissões ocorridas em épocas distintas, que não foram as únicas, mas servem de norte para entender a problemática dentro de uma certa totalidade. Se a baixa produção e redução de quadros serviam para identificar “maus trabalhadores” e posteriormente utilizá-los para dispensá-los do trabalho, qual seria a terceira via de demissão, aquela em que o próprio trabalhador solicita seu desligamento? cremos que para este último caso poderia ser também a redução de quadro. Porém, nossa hipótese de ter a redução de quadros e a baixa produção como elementos de medo não retiram desses efeitos as características problemáticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Após a apresentação do problema relacionado à mobilidade no canteiro de obras da Itaipu Binacional durante as fases de sua construção, cabe aqui debater a “baixa produção e a redução de quadros” sob os aspectos do controle simbólico. Toda a abordagem a partir do paradigma do campo social através da sociologia de Pierre Bourdieu leva em conta a existência de um espaço social ou campo social, onde acontecessem as disputas entre aqueles que já se sentem seguros como dominantes em relação os agentes que buscam uma posição social de destaque. Aqueles que estão numa posição segura como dominantes mobilizam seus capitais (social, cultural é simbólico) por meio de disputas simbólicas para a manutenção do um *status* já adquirido, ou mesmo para uma nova posição social. Mas ao se analisar esse campo social da Itaipu Binacional, pelas suas facetas diversas e agentes diferenciados, cabe uma pergunta: O que é o poder simbólico e como ele se manifesta dentro da lógica da reprodução social? Para Bourdieu (1989),

“é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, portanto reconhecido: o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos ou mesmo que exercem”. (BOURDIEU, 1989, pp. 7-8).

O poder simbólico, portanto, é um mecanismo que se destaca nas relações dentro do campo social pela ausência da violência física, pois é a sua forma invisível de reconhecimento que leva a outros fatores que podem se tornar concretos. Isto é, para a manutenção efetiva do poder simbólico dispensa-se a utilização da violência física como forma de repressão, e se adota



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

mecanismos sutis para a sua efetivação, desencadeando então as formas de violências veladas e sutis. Ou seja, tanto o poder simbólico quanto a violência simbólica são elementos de um mesmo plano teórico e que estão presentes nas disputas entre dominantes e dominados. De acordo com Schubert (2018),

“A violência simbólica pode, de algumas maneiras, ser mais gentil que a violência física, mas não é menos real. O sofrimento é resultado de ambas as formas de violência. As origens sociais desse sofrimento são frequentemente desconhecidas e interiorizadas pelos membros da sociedade, um fato que serve apenas para exacerbar o sofrimento e perpetuar sistemas simbólicos de dominação”. (SCHUBERT, 2018, pp. 235-236)

Não obstante todos os setores da construção dentro do espaço da construção da Itaipu utilizarem-se do evento da violência simbólica como elemento de dissuasão, outro setor que também se beneficiava disso era o do organismo policial privado da estatal Itaipu Binacional e do Consórcio União de Construtoras. No entanto, para estes organismos, as ameaças de demissões tinham, por vezes, caráter punitivo posterior a outro evento traumático. Isto ocorria em função de ter havido problemas com o trabalhador em face de suas relações e comportamentos alheios ao seu trabalho, mas que eram de interesse desse organismo policial, pois havia tortura e constrangimentos aos operários e o evento da ameaça das demissões poderia frear alguma denúncia de certas arbitrariedades (SESSI, 2015).

Nesta perspectiva ocorreria uma relação dramática no formato de uma tríade: primeiro havia a violência simbólica, em seguida a violência física, que posteriormente dava lugar à violência simbólica novamente. Isto teria acontecido com um operário no início de 1979 que, após ser torturado por agentes de segurança para confessar um delito que supostamente teria praticado, mas que após ter denunciado as torturas teria sido demitido por baixa produção como forma de represália (SESSI, 2015, p. 159). Outro caso, dentro dessa lógica, ocorreria em 1982, com uma conotação política, e teria como prejudicado o empregado da Itaipu Binacional Arnaldo Camargo (Jornal Nosso Tempo, 1984, Ed. Nº 146, p. 05).

Porém, para o caso de Arnaldo Camargo, após 10 anos de atuação como funcionário, primeiramente da empreiteira Matrix e posteriormente da Companhia Auxiliar de Empresas Elétricas Brasileira (CAEEB), em 12 de novembro de 1984 seria demitido dessa empresa que prestava serviços à Itaipu Binacional, sob a alegação de redução de quadros. Nesta perspectiva a demissão teria a ver com os enfrentamentos políticos de Camargo contra a estatal. Na verdade, a “redução de quadros” e a “baixa produção” eram medidas disciplinadoras que funcionavam fazendo pressão, e seus efeitos eram tanto mais dramáticos dependendo da necessidade e das relações do trabalhador com a construção e com a sua família. Quanto mais alta a dependência, maiores seriam seus efeitos psicológicos.

A demissão apoiada em qualquer um desses termos causava ao operário um efeito simbólico menosprezando-o em relação aos demais, pois qualquer um dos termos insinuava que



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

o demitido era um indivíduo avesso às atividades laborais, mas também poderia ser considerado como alguém com comportamento desviante aos olhos dos gestores conservadores. Ou seja, na redução de quadro escolher-se-ia entre as turmas alguém para ser demitido após encerramento de alguma etapa dos trabalhos. Assim, se o desempenho individual não tivesse agradado as feitorias, o trabalhador poderia ser o escolhido para ser demitido, como foi o caso de Arnaldo de

Freitas. Na baixa produção, a dispensa do trabalho poderia ocorrer em qualquer momento. Porém, seu uso era genérico e muitas das vezes alheia às atividades profissionais, percorrendo relações pessoais que se transformavam em relações de trabalho. Neste caso, um operário que discordasse de seus superiores durante a jornada de trabalho, não necessariamente estaria deixando de produzir, mas poderia ser enquadrado no termo, pois seria uma *persona non grata* tornando a demissão objeto de despersonalização individual. Isso poderia valer também para aqueles que propusessem alguma forma de ruptura em suas turmas, sejam estas políticas ou não.

Percebe-se que nos dois casos estudados houve um problema anterior que influenciaria a dispensa dos trabalhadores. Porém, há que considerar que, neste e em outros casos, essas agências de segurança privadas tinham certa autonomia de providenciar as mesmas formas de demissões usando os mecanismos simbólicos dos setores da construção, mesmo sem consultar previamente as suas feitorias. Dependendo da ocorrência, o desligamento era imediato, mantendo-se a proibição de novas frequências, bem como a proibição de ser contratado em outras empresas. Esse era outro dado de valor simbólico interessante, pois aniquilava a busca por uma nova contratação no mesmo consórcio ou em outras empresas no interior do canteiro de obras.

ORIGEM DOS CONCEITOS E ANÁLISE DE RESULTADO

Na segunda metade da década de 1970, milhares de homens e mulheres chegavam de todos os lugares do Brasil e de outros países engrossando o contingente de trabalhadores nos consórcios para a construção da Itaipu Binacional, localizada na região de Foz do Iguaçu, fronteira com o Paraguai (RIBEIRO, 2002; SESSI, 2015). De um lado, muitos chegavam com a intenção de serem contratados, porém não tinham experiência. Boa parte desse segmento estranho à construção civil era oriundo de outros setores, dentre estes, alguns ramos da agricultura que naquele momento estava em declínio. Um exemplo disso foi a grande geada que acabou com os cafezais no norte do Paraná e em partes do Estado de São Paulo em meados da década de 1970, no contexto das contratações para a Itaipu (SESSI, 2015). Do outro lado, para este mesmo empreendimento, havia aqueles que, antes de iniciarem nas obras da Itaipu, já acumulavam uma vasta experiência nas chamadas grandes obras, para este grupo cabe o adjetivo de barrageiro. Isto é, homens que percorriam o Brasil construindo não somente hidrelétricas, mas também



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

pontes, rodovias e ferrovias, num período em que esta modalidade de construção alcançava o pico máximo em face à demanda por energia elétrica e obras de infraestruturas.

Durante a elaboração dessa pesquisa, entre 2013 e 2017, foram coletados dados acerca das ocorrências elaboradas pelo corpo de segurança empreiteiras relativas aos anos de 1979 a 1987. A pesquisa no Centro de Documentações da Itaipu (CDI), e as entrevistas aos agentes de segurança revelaria os efeitos mais dramáticos do trabalho, do estigma e das relações

conflituosas acerca da pressão, da solidão sob o prisma do poder simbólico exercidos por guardas de segurança e equipes de feitorais. Nessas ocorrências, sem que o público tivesse acesso, percebiam-se as contradições em relação as matérias publicadas nos noticiários do jornal corporativo distribuído entre a comunidade externa e interna. Ou seja, do ponto de vista das relações sociais, havia nesses dois extratos os que exerciam a autoridade por meio dos símbolos e da disciplina militarizada (guardas de segurança), e os feitores cuja autoridade se daria por meio da lógica do trabalho. Enquanto os agentes de segurança se utilizavam do poder simbólico para manter “lei e a ordem” nos espaços das obras, os feitores por meio desse mesmo poder simbólico faziam com que os operários trabalhassem e quebrassem os sucessivos recordes de produção. Em comum, os dois segmentos tinham em si o poder de demitir os trabalhadores que julgassem necessário.

Não obstante a isso, havia certos benefícios para os que foram trazidos para ao projeto binacional porque se vinculavam por laços pessoais a engenheiros, encarregados e feitores de turmas. Nem todos eram iguais no meio de produção, isto é, as relações duradouras (capital social) indicavam, muitas vezes o futuro do operário. Na perspectiva de nosso estudo, este capital social poderia ser distribuído de maneira desproporcional, promovendo contradições nos espaços do campo social, uma vez que possibilitaria aos que possuíssem mais amizades uma série de conhecimentos e reconhecimentos necessários para alcançar outras possibilidades mais rentáveis no curso da vida. Todavia essa relação dialética estabelecia uma luta desigual entre os trabalhadores que possuíam boa relação entre si, ou internamente, em contraste com os recém-chegados sem vínculos e inexperientes.

Paralelo a isto, os inexperientes que venciam os preconceitos e aprendiam um ofício, iniciavam de fato sua jornada também como barrageiros somente após entrarem na Itaipu e suas empreiteiras. Este movimento de trocas de experiências facilitava o acesso dos *outsiders* aos lugares onde quem era desprovido desse conhecimento e reconhecimento não conseguiria estar. Além disso, facilitava aos estranhos serem reconhecidos como construtores de barragens. As histórias de vida dos operários “Augusto Laurindo Duarte e Euclides Hipólito”, apresentadas pelo cronista do jornal empresarial Informativo UNICON em 1983, são determinantes para entender essa diferença social (Informativo UNICON, 1983, Ed. Nº 98, p.03).



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

A reportagem apresenta o cotidiano de dois operários da construção que chegariam à obra por motivos diversos, tendo seus modos de vida cunhados nas duras jornadas de trabalho. Mas o que torna a referência importante é mostrar as contradições sobre as quais foram delimitadas partes desse estudo. Na definição do cronista, o operário Augusto Laurindo Duarte tinha 61 anos de idade, e longa experiência em obras antes de chegar em Itaipu (Inf. UNICON, Ed. Nº 98, 1983). No caso de Euclides Hipólito, o cronista afirmava na reportagem que este teria encontrado na Itaipu benefícios que jamais teria encontrado na agricultura”, sua antiga profissão (Inf. UNICON, Ed. Nº 98, 1983). Eram homens diferentes atuando em lugares comuns, dotados de capacidades ímpares de ver o mundo e suas relações sociais: seus *habitus*, ou o “sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita” (BOURDIEU, 2003), eram diferentes e necessitavam ser nivelados. As formas de tratamento por parte das lideranças seriam idênticas aos dois trabalhadores apresentados, considerando suas experiências de vida? Parece que não.

Nessa relação dialética entre as possíveis capacidades profissionais, muitas das vezes não era a vontade de trabalhar que fazia o indivíduo se manter no emprego e ser referência para uma reportagem. O que gerava isso eram suas relações de amizade e seu comportamento até nas horas de lazer, pois a ânsia pela procura de espaços mexia até com a liberdade individual dos trabalhadores. Os indivíduos deixavam de fazer o que gostariam para promover o agrado a outros com funções de lideranças, reproduzindo trocas de relações que poderiam se tornar duradouras. Em outra reportagem do Informativo UNICON (Ed. 69, 1981), um feitor ponderava acerca de suas relações com os seus subordinados: “Sei que gostam de mim, pois vários deles já me convidaram para almoçar em suas casas”. Este é um dado interessante por apresentar a expressão “sei que gostam de mim”, sugerindo que eram indivíduos considerados agressivos nas áreas de produção.

Na verdade, as palavras do feitor indicavam a existência e o reconhecimento do poder simbólico, que de fato só existe porque é reconhecido. Entretanto, este poder poderia deixar de existir se a figura dos feitores também deixasse de ser reconhecidas como de uma autoridade local. Ainda sobre essa ingerência pelos meios simbólicos, quando a intimidade do trabalhador era exposta, como no caso das relações homoafetivas, geravam também punição com demissões por meio dos mecanismos da baixa produção ou até da redução de quadros (SESSI, 2015). Todos, com suas características pessoais, suas formas de ver o mundo, tentavam se manter conectados ao cotidiano tentando com isto uma aproximação, sobretudo aos vínculos. Nessa perspectiva relacional entre o estranho e aquele que busca um certo reconhecimento em determinados campos sociais, Bourdieu (1983) ensina que:

“acumular capital é fazer um “nome”, um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

como forma visível do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro no qual se perde um homem comum". (BOURDIEU, 1983, p. 132)

No caso da Itaipu, a falta desse reconhecimento advindo do capital social promovia um descompasso movimentando uma espécie de competição que saía do eixo da construção e chegava nos lares onde os favores promovidos por cerimônias faziam crescer e em certo momento encurtava o abismo entre o empregado e os mecanismos de dispensas do trabalho, objeto estudado aqui. Dentro dessa lógica, quem não conseguisse agir de forma submissa dificilmente conseguiria avançar no decorrer dos anos de construção ainda se mantendo empregado. A não observância, por parte do trabalhador, da necessidade de se relacionar bem

com suas chefias por meio de um vínculo quase de alienação e dependência, promoveria os antagonismos que gerariam posteriormente (1985-1991) a luta de classe entre empreiteiros e empregados, por ocasião da formação das associações dos trabalhadores.

Com o término da construção no final da década de 1980, as demissões bem como as contratações tiveram uma mudança no entendimento. Por um lado, as demissões não eram mais pontuais, isto é, alcançavam um grande número de trabalhadores no mesmo momento em face o encerramento de etapas de trabalho. Por outro lado, as contratações eram para atividades técnicas, diferente do que se observaria no início das obras. Há que se considerar, que esse afrouxamento na repressão aos operários ocorreria primeiramente pelo término da ditadura civil-militar, e posteriormente com os direitos adquiridos pela Constituição Federal promulgada em 1988.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou mecanismos de controle exercidos sobre os operários durante a construção da hidrelétrica de Itaipu. O conhecimento sobre a existência desses fatores é necessário para entender como funcionavam os elementos repressivos pelos quais eram expostos os trabalhadores que não tinham representatividade sindical e, portanto, estavam à mercê de suas chefias, sem que pudessem reivindicar ou até mesmo questionar alguma medida mais drástica.

Tanto a baixa produção quanto a redução de quadros foram medidas simbólicas criadas pelos gestores para tentar regular um grande fluxo de mão de obra atuante por anos na construção. Quem não se adequasse às medidas e métodos de obediência, e por alguma razão rompesse com o ordenamento interno, era demitido. Mas não só isso. A demissão quando dentro desses requisitos, poderia causar outros prejuízos ao trabalhador, uma vez que muitos possuíam uma relação de dependência com a construção e tinham raízes com os benefícios oferecidos pelos consórcios e pela estatal.



RECIMA21 - REVISTA CIENTÍFICA MULTIDISCIPLINAR ISSN 2675-6218

TRABALHADORES NA CONSTRUÇÃO DA HIDRELÉTRICA DE ITAIPU (1974-1985): A FRONTEIRA ENTRE O
TRABALHO E OS MECANISMOS SIMBÓLICOS DE CONTROLE
Valdir Sessi

O estudo apresentou dois elementos novos para pensar as relações de poder entre os trabalhadores braçais, em contraste com as lideranças que detinham o poder de escolher e deliberar sobre quem poderia ficar mais um período na construção ou ser demitido do canteiro de obras. Como foi demonstrado, as escolhas eram carregadas por critérios desiguais que acompanhavam as relações sócias construídas e ancoradas em diversos fatores que tempos depois resultariam nas criações mais elaboradas das associações de trabalhadores e dos sindicatos das categorias nas obras da Itaipu Binacional.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fins dos Séculos Edições, 2003.

CAMPOS, P. H. **A ditadura dos empreiteiros**: As empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro, 1964-1985. Rio de Janeiro: UFF, 2012.

HARDY, C. **Conceitos fundamentais em M. Granfell, Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais Petrópolis-RJ: Editora: Vozes, 2018. p. 169-193.

FEITORES e Sub encarregados um papel decisivo na construção. **INFORMATIVO UNICON**, n. 69. p. 01-04. 15 abr. 1981.

ITAIPU, a primeira barragem nas vidas de um pica-pau e de um João-de-Barro. **INFORMATIVO UNICON**, n. 98. p. 03. 10 fev. 1983.

OUTRA vez Itaipu mostra sua face repressiva. **JORNAL NOSSO TEMPO**, Ed. 146. p. 05. 23 a 29 de nov. 1984).

RIBEIRO, M. B. **Memórias do concreto**: as vozes na construção de Itaipu. Cascavel-Pr: Edunioeste, 2002.

SCHUBERT, J. D. **Sufrimento/violência simbólica em G. Michael, Pierre Bourdieu**: Conceitos fundamentais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2018. p. 234-269.

SESSI, V. **"O povo do abismo"**: trabalhadores e o aparato repressivo durante a construção da Hidrelétrica de Itaipu (1974-1987). Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná-UNIOESTE, Marechal Cândido Rondon-Pr, 2015.